

Um socialista atípico

O presidente do Uruguai defende um estado com pouca interferência na economia e na sociedade e diz que a imprensa não deve ser controlada

No fim dos anos 60, o uruguaio José "Pepe" Mujica ingressou na guerrilha dos Tupamaros, de esquerda. Com uma pistola Star 9 milímetros e o nome de guerra Facundo, organizou assaltos a casas, a bancos e a uma central telefônica. Foi preso duas vezes. Em 1995, elegeu-se deputado pelo Movimento de Participação Popular. Dez anos depois, tornou-se ministro da Pecuária, da Agricultura e da Pesca. Em março deste ano, tomou posse como presidente, sucedendo a Tabaré Vázquez. O uruguaio se emociona ao falar do dinheiro que seu país recebe do presidente venezuelano Hugo Chávez, mas sua maneira de governar e o seu repúdio ao ímpeto estatizante e à censura revelam um político pragmático e tolerante com as opiniões divergentes — algo raro na atual conjuntura política do Cone Sul. A economia uruguaia, que exporta gado, arroz e leite, deve crescer quase 10% em 2010. Aos 75 anos, Mujica leva uma vida austera. Para se locomover em Montevideo, pega carona no Corsa Sedan de um amigo. Recusou a moradia presidencial e vive em uma chácara de pouco mais de 40 hectares na periferia da capital com a esposa e ex-companheira de guerrilha, a senadora Lucía Topolansky. Na garagem, tem dois Fuscas azuis. Nesse ambiente rural, rodeado por viralatas e protegido por uma única viatura policial, ele falou a VEJA sobre sua visão peculiar de mundo.

Como ex-guerrilheiro de esquerda, com participação em assaltos e sequestros, o senhor pode viajar aos Estados Unidos? Já me convidaram, mas não penso em fazer essa viagem. Sou um homem do campo, da província. Quando visitei São Paulo e vi toda aquela confusão, fiquei com a impressão de que estavam todos loucos.

O senhor se arrepende de ter pegado em armas para tomar o poder? Cometemos



“A Venezuela tem recursos demais: muito petróleo, muito dinheiro. O resultado é uma burocracia estatal tão grande que *mamma mia!*”

LUZ MARIANO

veja | 29 DE SETEMBRO, 2010 | 19

Entrevista JOSÉ MUJICA

muitos erros e aprendemos muito. Se estou aqui hoje, contudo, foi porque alguma coisa conquistei. Naquele tempo pensávamos que era só chegar ao governo e construir uma sociedade mais justa de cima para baixo. Depois descobrimos que isso é muito difícil, ou melhor, impossível. A verdadeira transformação política deve acontecer de baixo para cima, com a democracia.

Como guerrilheiro tupamaro, o senhor manteve contato com brasileiros? Sim, com gente do PT e de outros grupos.

O senhor conheceu membros da VAR-Palmares, grupo do qual fazia parte a candidata Dilma Rousseff? Não. Mas alguns dos meus companheiros uruguaios tiveram contato com pessoas desse grupo quando ficaram presos no Brasil.

Há algo do seu passado como tupamaro que o senhor ainda mantém? Sim, continuo tendo uma visão socialista. Do ponto de vista antropológico, creio que o homem é um animal socialista. Por quase 90% de nossa história vivemos em pequenos grupos que não separavam o que era de um ou de outro. Quando se tentou implantar o estado socialista, no entanto, o resultado foi um desastre.

Por quê? Não se pode construir o melhor em sociedades econômica e culturalmente pobres. Isso terá de ocorrer algum dia, quando a população acumular mais conhecimento. Posso estar errado, mas gostaria que as pessoas aprendessem a ser chefes de si mesmas.

Não é justamente isso que o capitalismo permite? Que as pessoas sejam donas de seu destino? O problema é que, nesse sistema, aquele que é chefe tem outras pessoas trabalhando para ele.

O senhor tem empregados na chácara? Não. Eu arrumo meu quarto e lavo meus pratos. Minha esposa corta o meu cabelo. Vivo de acordo com o que penso.

22 | 29 DE SETEMBRO, 2010 | veja

“Os jornalistas devem tentar atuar com honra. Depois, cada leitor ou telespectador deve interpretar o que leu ou viu. Quanto mais educada e qualificada for a população, maior diversidade haverá de opiniões, o que é muito bom”

O presidente Hugo Chávez é socialista? Ele persegue o socialismo, mas é difícil que possa seguir nesse caminho.

Por quê? Chávez tem muita força de vontade. Mas a Venezuela tem recursos demais: muito petróleo, muito dinheiro. O resultado é uma burocracia estatal tão grande que *mamma mia!* Eu não comparto com ele a visão estatizante da economia. Oxalá ele tenha sorte no que está fazendo.

Não entendi. A presença intensa do estado na economia e em outros setores é um dos fundamentos da ideologia de esquerda. Não é um paradoxo o senhor se considerar socialista e antiestatizante ao mesmo tempo? A estatização é uma solução que foi abandonada. Trata-se de uma receita perfeita para desenvolver uma burocracia opressora. Continuo sendo socialista porque sou inimigo da exploração do homem pelo homem. Isso não inclui defender um estado grande e um funcionalismo público inchado. Seria um desastre.

O senhor falou há pouco que um país pobre não pode ser socialista. Depois disse que a Venezuela, por ser rica em petróleo, também não.

Sobra para quem, então? A Venezuela tem muitos recursos naturais, mas o país foi empobrecido pela corrupção. O radicalismo de Chávez é consequência de um longo processo histórico, marcado por abusos da classe política. Tem mais: Chávez tem ajudado muito outros países da América Latina que não possuem os mesmos recursos.

Já que o senhor falou sobre isso, o Uruguai foi um dos grandes beneficiados pela petrodiplomacia de Chávez, certo? Eu sou amigo de Chávez. Bastante amigo. Discuto com ele, discordo de muitas de suas políticas, mas eu o respeito. A Venezuela tem uma economia complementar à nossa. Além disso, não se pode menosprezar alguém com tantos recursos energéticos. Os venezuelanos nos ajudaram muito. Vendem petróleo para pagar em quinze anos e a juros baixíssimos, de 2% ao ano. Não me recorde de outro governante no mundo que nos tenha estendido a mão como Chávez. Se eu falasse mal dele, seria um linguarudo.

Chávez tenta calar as críticas ao seu governo fechando rádios e canais de televisão. O que um governante deve fazer quando é criticado pela imprensa? Nada. Deve suportar. Se reagir, perde duas vezes, porque será atacado de novo. Tem de olhar para o outro lado. Eu sofri muitas críticas e acusações na campanha eleitoral. Aguardei firme e continuei falando sobre o que interessava às pessoas. Na minha opinião, os jornalistas devem tentar atuar com honra. Depois, cada leitor ou telespectador deve interpretar o que leu ou viu. Cada um, com sua subjetividade, interpreta à sua maneira as informações que recebeu. Quanto mais educada e qualificada for a população, maior diversidade haverá de opiniões, o que é muito bom. Quando um governo se mostra mais tolerante à diversidade, acaba ajudando a formar uma imprensa respeitosa. Quando radicaliza nas suas políticas, no entanto, aí vai tudo pro diabo. Nesse caso, a imprensa se transforma em uma espada de luta e a coisa fica perigosa.

Para que isso não aconteça, o senhor defende a ideia de que o estado crie medidas de controle da imprensa? De jeito nenhum. A melhor lei de imprensa é a que não existe.

Que princípios devem ser respeitados por um governo, seja qual for sua orientação ideológica? O ideal é ter uma política muito estável, previsível e cuidadosa, com regras claras e definidas. Certas medidas não devem mudar de um governo para outro. Por exemplo: cuidar do equilíbrio fiscal, manter uma política econômica austera e não brincar com a inflação. São fatores que nem deviam mais entrar em discussão, seja pela esquerda, pela direita ou pelo centro. As divergências ideológicas deveriam ser restringir à melhor maneira de distribuir a riqueza.

Como fazer isso, na sua opinião? O crescimento econômico é uma condição *sine qua non* para a distribuição de riqueza. O problema é que ele nem sempre leva à redução da pobreza e da desigualdade de renda. O bom governo se preocupa em garantir que isso aconteça.

A economia do Uruguai está atrelada à do Mercosul e à da Argentina, que enfrentou uma crise gravíssima no início da década. Teria sido melhor ter escolhido o caminho do Chile, que não é membro pleno do Mercosul e cresceu muito graças aos acordos bilaterais com os principais parceiros globais? Alguns pensam que o Uruguai deveria se desenvolver como Singapura, voltado para o resto do mundo e dando as costas aos países em seu entorno. Eu não concordo com isso. Temos de explorar as oportunidades da região. A população do Uruguai cabe em um bairro de São Paulo. Ou seja, somos muito pequenos, e o mercado brasileiro é capaz de absorver quase tudo o que produzimos. Eu fui visitar o Lula em Brasília e ele estava tomando a cerveja Northerna, que é uma marca uruguaia que não se vende por

“Naquele tempo (de luta armada) pensávamos que era só chegar ao governo e construir uma sociedade mais justa de cima para baixo. Depois descobrimos que isso é muito difícil, ou melhor, impossível”

aqui. O Brasil é um grande produtor de cerveja e um grande consumidor, por isso temos nosso espaço nesse mercado.

O Uruguai tem a população mais velha da América Latina. Como sustentar o sistema previdenciário quando os trabalhadores atuais se aposentarem? Precisamos de um desenvolvimento sustentável e, para isso, será necessário multiplicar a produtividade dos trabalhadores jovens. Só assim o país poderá fazer frente aos gastos da previdência social no futuro. Isso se faz com o aumento dos investimentos públicos e privados, melhorando o que nossa economia já tem e criando novas áreas. Podemos investir em biotecnologia, para apoiar o desenvolvimento agrícola e a saúde animal.

O senhor apoia os transgênicos? Com prudência. Devem-se fazer pesquisas científicas à exaustão antes de liberar os novos produtos. O Uruguai é o sexto maior exportador mundial de arroz. Por enquanto, seria ruim produzirmos arroz transgênico, porque enfrentaríamos resistência dos consumidores

europeus, principalmente. É uma questão de mercado. Dizer “transgênicos jamais” é tão errado quanto dizer “transgênicos sempre”. Deve-se discutir caso a caso, confiando na ciência. Se produzirmos um alimento resistente à seca, por exemplo, seguramente estaremos fazendo um favor à humanidade em tempos de aquecimento global.

No governo de Tabaré Vázquez, houve uma tensão muito grande entre Uruguai e Argentina por causa da construção de indústrias de celulose no lado uruguaio do Rio da Prata. Como o senhor resolveu esse conflito? Na América Latina, todos somos irmãos, até que um começa a querer mandar no outro. Aí muda tudo. O sentimento nacionalista apenas piorou o conflito das *paperas*. Depois de quatro anos com a ponte entre os dois países fechada, isso ficou evidente. Era imperativo mudar. Foi o que fizemos, com muita conversa. Deu certo. Uma das nossas principais fontes de recursos é o turismo, e 80% dos que nos visitam são argentinos. Não podemos dar as costas a eles.

Algo na vida de presidente o incomoda? O protocolo. Às vezes, é insuportável.

E a gravata? Não uso. Há mais de vinte anos que não coloco uma. Só fiz isso quando estava na clandestinidade. Era parte do disfarce. Os italianos inventaram a indústria da gravata e ganham muito dinheiro com isso. Mas é algo que não funciona. Pura frescura masculina.

Uma curiosidade: o que aconteceu com a pata daquele cachorro? Eu estava arando a terra com um trator, quando um disco a atropelou e cortou a patinha. O nome dela é Manuela. Não desgruda de mim, é minha querida. Tem 14 anos de idade.

O senhor tem quantos cachorros? Sinceramente, não faço ideia.

veja | 29 DE SETEMBRO, 2010 | 23